

Ao Conselho Nacional
de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

R E L A T O R I O

No apresentar um balanço de minhas atividades como bolsista em Portugal ao CNPq, aproveito o ensejo para expressar-lhe a minha admiração pelo seu procedimento em relação às minhas pretensões, aplaudindo tempestivamente as dificuldades intervenientes a fim de atendê-las em tempo útil, esperando, de minha parte, ter correspondido à confiança em mim depositada.

Como é do conhecimento dos senhores a bolsa desenvolveu-se em dois anos não consecutivos, compreendendo duas prorrogações e foi-me oferecida pela Fundação Calouste Gulbenkian. No entanto, por uma questão de oportunidade, sómente vim a recorrer à benevolência deste Conselho nos seus três meses finais.

Esta composição temporal deveu-se à coincidência com os importantes acontecimentos que convulsionaram a vida do país irmão desde '74 que, apesar de estimulantes, por seu contingente de imprevistos criaram uma situação adversa ao desenvolvimento regular e ortodoxo de qualquer atividade, com reflexos nas instituições e, em última análise, nas próprias pessoas.

Em que pese a restrição dos benefícios da bolsa, o encerramento de cursos, a influência na disponibilidade das pessoas, tal conjuntura sendo adversa não me foi prejudicial pois os adquiridos são incontestáveis, altamente válidos e efetivos, traduzindo-se, em termos gerais, num alargamento de visão com conseqüente revisão de preconceitos culturais atávicos e na incrementação de um "back-ground" informativo mais rico e seguro, aferidos da confrontação metodológica e cultural. E num plano mais específico, de valorização profissional/acadêmica, reputo ter realizado um pós-graduação não oficial, sem as suas prerrogativas legais mas com suas vantagens práticas.

Quanto à pesquisa em si, o tema ofereceu-se desde logo claro e irrefutável para uma mineira com formação artística - as conotações entre o Colonial Brasileiro e o Barroco Português, numa tentativa de surpreender o processo de aculturamento da arte portuguesa em seu sistema colonial - pois se na desmontagem da problemática artística brasileira'

chegamos fatalmente a Minas e a seu Barroco, continuando o processo , por imposição histórica chegaremos à cultura portuguesa.

Mais difícil era determinar sua amplitude e abordagem, já que a minha curiosidade não era a do historiador, do arqueólogo ou do sociólogo , mas a de quem tem amor às coisas e quer se aproximar de sua verdade para melhor defendê-las e difundi-las. O senso comum nos indicou, para começar, modéstia nos objetivos e a hierarquia de dificuldades como método.

Ficou assim estabelecida uma fase propedêutica que favorecesse um redimensionamento da minha cultura artística geral e servisse também a uma iniciação na problemática da Arte Portuguesa através da freqüência de cursos, seminários, conferências e pesquisa bibliográfica temperada com pesquisa de campo nas áreas monumentais próximas de Lisboa. Num segundo estágio, passou-se à familiarização com os problemas mais específico do Barroco, nomeadamente sua expressão ibérica, enquanto o meu conhecimento concreto de suas manifestações ia sendo enriquecido por excursões eventuais aos centros mundiais do Barroco, fossem êles na Espanha, Itália (inclusive e principalmente a Sicília), Áustria, Alemanha, França, Dinamarca, Rússia, Colômbia, México ou, obviamente, no Brasil e em Portugal. Já então com preocupação monográfica e consulta de especialistas, tentou-se uma caracterização do Barroco Português deixando para uma oportunidade futura a determinação de sua intervenção no sistema artístico brasileiro.

Mais do que a preocupação de teorizar sobre este fenômeno, prevaleceu a necessidade de maior familiarização com a tipologia portuguesa e de documentação para conclusões a mais longo prazo, no caso, mais honestas e oportunas, dada a complexidade e a obscuridade que ainda envolvem o assunto e a natureza de minhas preocupações. O que interessava era uma valorização pessoal que fosse resgatada do mero exercício individual através de uma atuação mais qualificada no magistério ou em outro setor cultural do meu país. Em regime de "feed back", essa atuação deverá por justiça continuar numa linha de dinamização e esclarecimento dos nexos civilizatórios luso-brasileiros à revelia dos modernos transplantes culturais, necessários em decorrência do progresso, mas nem por isto devendo relegar ao ostracismo nossa memória histórica.

Tendo transferido nos últimos meses meu palco de operações para o Norte de Portugal que - como é do conhecimento geral - é a região das mais genuínas manifestações do Barroco e do Rococó portugueses, ao bom êxito do meu projeto, que na prática incluía excursões (em geral, lugares de difícil acesso, donde custosas), levantamentos fotográficos, realização de ficheiros, triagens bibliográficas e respectiva consulta ,

etc, não foi indiferente a compreensão da Fundação Calouste Gulbenkian que apesar de ter sido taxativa em sua recusa de subsídios para as viagens e deslocações, atitude decorrente de sua atual política de austeridade, houve por bem atender excepcionalmente a meu pedido de auxílio para aquisição de material. Pude assim coligir, como coroamento do trabalho, uma significativa amostragem de elementos de apoio, de subsídios didático e documental na forma de publicações, catálogos, slides, microfilmes, gravações e fotos além de livros e fotocópias de exemplares esgotados.

Constituindo a História da Arte o cerne do meu plano de estudos em terras lusitanas, isto porém não impediu que desde o início demonstrasse disposição de tirar um maior partido desta temporada desenvolvendo atividades paralelas e igualmente importantes como a Museologia e a Gravura, já incluídas no meu "curriculum", pois nestes setores Portugal tem reputação internacional, no segundo, mercê da atuação da renomada Sociedade Cooperativa de Gravadores Portugueses. No entanto tive a infelicidade de ver o curso para Conservador de Museu que começara a freqüentar no Museu Nacional de Arte Antiga, em Lisboa, ser fechado "sine die" e a cooperativa de gravadores passar por crises e reestruturações em vista do especial momento político por que atravessava o país.

Procurei compensar esta situação participando de grupos de estudo, freqüentando ateliês particulares e realizando um estágio no Museu de S. Roque em Lisboa, peça fundamental na definição da arquitetura jesuíta e do ideário tardo-barroco em Portugal, porém continuando a privilegiar a História da Arte. Mesmo porque entretanto um fato inesperado veio dar nova dimensão ao meu esforço: a Universidade Nova de Lisboa conseguiu a implantação da Licenciatura e Doutoramento em História da Arte entre suas opções de pós-graduação, passando a demonstrar vivo interesse em que eu encaminhasse meus estudos no sentido de realizar uma tese sobre o Barroco no Norte de Portugal.

Sabendo-as morosas, procedi então às "démarches" necessárias à consecução deste objetivo visto que o Instituto de Cultura Portuguesa dispunha-se a custear-lo caso fôssem superados os entraves burocráticos que ainda se interpunham à situação de doutoramento, incluindo o exame "ad hoc" a que a citada universidade deveria submeter.

Após prolongados trâmites e contrariando o propósito tácito - tutelado em certos aspectos por um Acordo Cultural - de mútuo aplaunamento de dificuldades nos assuntos luso-brasileiros por parte das entidades dos dois países, o Ministério de Educação e Investigação Científica de Portugal negou a equiparação acadêmica portuguesa ao meu diploma da Escola de Belas Artes da UFMG, não reconhecendo a validade do mesmo para suas

estruturas de ensino incompreensivelmente, já que no Brasil é absolutamente efetivo e regulamentar. Dada a estranheza da situação e por sugestão superior, apresentei um recurso ao MEIC até hoje sem resposta.

Por seu aspecto preponderantemente positivo, toda esta experiência no exterior melhor fundamentou e organizou minhas possibilidades como "operadora artística" e consequentes pretensões magisteriais através de uma reflexão sobre a minha formação e a da nossa própria cultura em seu característico "antropofagismo", despertou meu interesse por áreas específicas como a iconografia de expressão barroca e, "last but not the least", revelou-me aspectos novos de nossa história artística como a atuação do italiano Antonio Landi em Belém do Pará, artista recentemente "ressuscitado" por nossos historiadores por ter criado uma espécie de renascença ou neo-palladianismo "lusotropical" em plena região amazônica no momento em que o Brasil afirmava sua nacionalidade no espírito barroco e os "saloons" proliferavam na nação norte-americana, abrindo precedentes auge exótico de Gaughin. Assim na área da História da Arte pretendo, na medida do possível, ir-me inteirando destes assuntos enquanto na Gravura procurarei dar ênfase ao talho doce aplicado à xilo, técnica que muito me entusiasmou em meus contatos com artistas portugueses.

Parafraseando em certa medida o poeta Affonso Ávila em sua proposta de "desreprimir o culto do passado/ de suas metáforas de panteão até/ reaprender na história o ritmo largo/ da alegria.", encerro este relatório com os versos abaixo, reiterando ao CNPq os meus agradecimentos por sua generosa colaboração.

R E D O N D I L H A

voltavoluta
 pião do templo
 volta voluta
 e apeia o tempo

volta, revolta,
 talha.

Atenciosamente,

Stella Maris de Figueiredo
 Brasília, 26 de março de 1979.